



Aluno: Dionathan Lobo Menezes Lima;

DRE: 119094978

Data estipulada para entrega: de 01 até 20 de Julho de 2024.

Horário da aula: Quinta Feira: 18:00 – 19:45

### **Entre Poesia e Música: Uma Análise de 'Wide Awake' de Katy Perry à Luz do Texto de Luca Argel**

**Resumo:** O objetivo deste ensaio é examinar a música "Wide Awake" de Katy Perry como uma forma de poesia, analisando suas rimas, narrativa e informações contidas na obra. Além disso, pretende-se explorar a intenção da artista em descrever certas situações de acordo com o enredo presente na música. A análise será enriquecida pela consideração dos elementos visuais e auditivos presentes no videoclipe de "Wide Awake", onde Katy Perry utiliza imagens, figurinos e ritmo musical como mecanismos para divulgar sua arte. Esses elementos visuais não só complementam a narrativa da música, mas também ampliam seu impacto emocional e poético.

Para embasar esta análise, será utilizado o texto "Nem Poesia, Nem Música" de Luca Argel. O texto de Argel busca entender os conceitos de poesia e música a partir de seu ponto de vista, oferecendo uma perspectiva crítica que pode contribuir significativamente para a nossa

interpretação da obra de Katy Perry. Através da comparação entre as ideias de Argel e os elementos presentes em "Wide Awake", este ensaio pretende demonstrar como a música contemporânea pode incorporar elementos poéticos e se estabelecer como uma forma legítima de poesia.

O texto "Nem Poesia Nem Música" de Luca Argel inicia-se com a provocativa afirmação de que não foi Vinícius de Moraes que rejuvenesceu, mas sim o conceito de poesia que ele representa. Para embasar essa declaração, Argel discute como Vinícius de Moraes, um dos mais icônicos poetas brasileiros, passou a priorizar a composição musical em detrimento da produção de poesias tradicionais. Esse movimento, segundo Argel, não diminuiu o valor poético de sua obra, mas, ao contrário, contribuiu para uma redefinição do que pode ser considerado poesia. Ao integrar elementos musicais em seus escritos, Vinícius de Moraes desafiou as fronteiras entre música e poesia, rejuvenescendo, assim, a própria essência da poesia e ampliando suas formas de expressão.

Vinícius de Moraes preferia o título de poeta ao de músico, mesmo em meio às suas prolíficas produções musicais, o que reforça a concepção de poesia que ele sustentava, especialmente nesta fase de sua vida. Essa preferência revela uma visão integrada e abrangente da poesia, onde as letras de suas canções são vistas como extensões naturais de sua obra poética. Para Vinícius, a música não era um desvio de sua vocação principal, mas uma nova dimensão para a expressão poética. Esse entendimento, no entanto, foi algo gradativo para Vinícius; ele só passou a compor músicas em um momento posterior de sua carreira. Esse desenvolvimento dá a impressão de que ele rejuvenesceu em relação ao seu conceito de poesia, expandindo-o para incluir a música como uma forma válida e vibrante de expressão poética. Essa descrição de poesia permanece consistente para Vinícius, pois ele a vê dessa forma, reafirmando a flexibilidade e a amplitude do conceito poético.

O texto de Luca Argel destaca o fato de que, mesmo lançando inúmeras músicas, Vinícius de Moraes passou dez anos sem escrever poesias tradicionais, mas ainda assim preferia ser reconhecido como poeta e não como músico. Essa escolha deliberada nos permite perceber como ele considerava a música uma forma de poesia. Para Vinícius, a essência poética não

estava confinada às páginas de um livro, mas podia ser encontrada nas letras de suas canções, que, através de suas rimas, ritmos e narrativas, carregavam a mesma profundidade e beleza que suas poesias escritas. Este período de sua carreira evidencia sua crença na interconexão entre música e poesia, reforçando a ideia de que a poesia pode transcender suas formas convencionais e se manifestar em diferentes mídias.

O texto de Luca Argel explora a origem das palavras "música" e "poesia", ambas derivadas do grego, mas observa que essa análise etimológica não fornece evidências concretas para ligar os dois conceitos de forma substancial. Ao examinar essas palavras em seu contexto original, o autor conclui que não há uma base concreta para a combinação dos termos. Diante dessa dificuldade, Argel direciona seu foco para as evidências práticas deixadas por Vinícius de Moraes. Considerando a transição de Vinícius da poesia para a música, Argel argumenta que a obra do poeta-músico exemplifica uma integração natural entre os dois campos. Através das composições de Vinícius, que mesclam elementos poéticos e musicais, Argel encontra uma justificativa prática para a interligação desses conceitos, demonstrando como a poesia pode se manifestar na música e vice-versa.

O autor menciona figuras históricas como Homero e Aristóteles, remontando a eventos de séculos antes de Cristo, para contextualizar a transmissão da poesia na antiguidade. Ele informa que, durante esse período, a escrita era extremamente rara e qualquer forma de poesia era transmitida oralmente. Essa tradição oral era essencial para a preservação e disseminação do conhecimento poético, e a recitação era a principal forma de vivência e compartilhamento da poesia. Ao trazer essa perspectiva histórica, o autor enfatiza como a poesia, desde seus primórdios, esteve intrinsecamente ligada à performance e à oralidade, aspectos que continuam a ser relevantes na análise das composições musicais contemporâneas, como as de Vinícius de Moraes. Isso reforça a ideia de que a poesia pode transcender sua forma escrita, encontrando na música um meio legítimo de expressão.

É particularmente interessante quando o autor retoma o significado da palavra "poesia", cuja raiz grega tem os significados de "fazer", "atuar" ou, de maneira mais ampla, "produzir". Para esclarecer ainda mais esse conceito, o autor cita a resposta de Diótima a Sócrates, no Banquete de Sócrates, onde ela define poesia como "a causa que torna possível a passagem de qualquer coisa do não ser ao ser". Essa definição amplia a compreensão de poesia,

mostrando que é a externalização de qualquer tipo de saber ou fazer. Ao destacar essa perspectiva, o autor enfatiza que a poesia não se limita à forma escrita, mas engloba toda forma de criação que transforma o abstrato em concreto, corroborando a visão de Vinícius de Moraes sobre a interseção entre música e poesia.

O autor questiona por que a poesia não estava originalmente ligada à literatura. Ele menciona que essa associação só ocorreu a partir da cultura ocidental. Além disso, o autor admite que não possui uma ideia concreta do conceito de poesia ao se referir aos registros de Aristóteles. Em contrapartida, ele possui uma compreensão mais consolidada do que era a música nessas civilizações antigas, destacando sua importância na política, na sociedade e nas tradições. Ao ressaltar esse ponto, o autor sugere que a música desempenhava um papel fundamental e multifacetado nas culturas antigas, o que pode ter contribuído para a complexa relação entre poesia e música ao longo do tempo. Esta análise histórica reforça a tese de que a poesia, tal como a música, transcende as formas literárias convencionais e pode ser vista como uma forma de arte performática e oral.

Ao percorrer essa linha do tempo, o autor conclui que nas civilizações antigas a poesia e a literatura eram expressas oralmente, sendo a voz o principal veículo de trabalho dos artistas. Essa reflexão sublinha a indissolubilidade entre música e poesia, ressaltando a continuidade histórica dessa relação. Retomando Vinícius de Moraes, o autor argumenta que sua incursão na produção musical não diminuiu sua importância como poeta; ao contrário, ela o aproximou de um conceito de poesia similar ao dos antigos gregos, reafirmando a natureza ampla e adaptável da poesia ao longo das eras.

No início do videoclipe de "Wide Awake", Katy Perry é mostrada seguindo sua rotina normal de trabalho, semelhante à de uma pessoa comum. Ela termina uma performance de "California Girls" com sua equipe e, em seguida, retira-se para seu camarim. Lá, sozinha, diante do espelho, ela encara seu reflexo e é magicamente transportada para um outro mundo. Essa transição simboliza uma jornada introspectiva e a entrada em uma realidade alternativa, sugerindo um momento de autoconfrontação e transformação pessoal.

Neste novo mundo, Katy Perry adota um figurino diferente, com cabelos roxos e uma

aparência mais mística em contraste com sua imagem anterior no camarim. Ela começa a caminhar por um labirinto gigante, cujas paredes cinzas e o chão coberto de névoa criam uma atmosfera sombria. Com uma lamparina nas mãos para iluminar seu caminho, Perry explora o ambiente até encontrar uma fruta vermelha vibrante. Esta fruta, destacando-se drasticamente das cores monótonas ao redor, atrai imediatamente a atenção da personagem, simbolizando algo de singular importância ou tentação em meio ao cenário desolado.

Após comer a fruta, cuja cor viva contrastava com o cenário sombrio e monótono, Katy Perry começa a sentir a pressão do labirinto. As paredes parecem apertá-la, criando uma sensação de desconforto que não estava presente antes de consumir a fruta. Nesse momento de tensão, ela encontra sua versão infantil, que aparece através de um portal que não havia antes no labirinto. A conexão entre as duas é imediata, e juntas, elas continuam a jornada pelo labirinto. Esta cena sugere um processo de reconciliação com seu eu interior, além de simbolizar uma busca por orientação e clareza em meio à confusão e aos desafios apresentados.

Após esse encontro, a artista encontra-se em um corredor cujo final é obstruído por um espelho. De mãos dadas com sua versão infantil, apenas sua imagem adulta é refletida no espelho, enquanto a criança permanece invisível no reflexo. Ao se aproximar do espelho, um homem com o rosto desfigurado e um sorriso sinistro começa a tirar fotos dela através do reflexo. Simultaneamente, o chão atrás dela começa a afundar, deixando-a encurralada. Sua versão infantil adverte quanto ao perigo iminente, mas Perry, em sua versão adulta, força o espelho e o quebra, revelando um novo corredor. Essa cena simboliza a necessidade de enfrentar e superar os medos e obstáculos internos, rompendo barreiras para avançar em sua jornada pessoal.

Neste novo corredor, a personagem aparece em uma cadeira de rodas, totalmente debilitada, segurando a fruta mordida, e sendo conduzida por sua versão infantil. No meio do caminho, são confrontadas por dois homens com rosto de bode, que bloqueiam a passagem. A versão infantil de Katy Perry, então, pisa no chão com ímpeto, fazendo com que ambos os homens se afastem e liberem o caminho. Nesse momento, Perry aparece sem a fruta, levanta-se da cadeira de rodas, segura a mão de sua versão criança e corre para fora do labirinto. Essa sequência simboliza a superação da fraqueza e da vulnerabilidade, bem como a restauração

de sua força e autonomia, com a ajuda e o apoio de seu eu interior.

Neste estágio, as personagens se encontram em um local diferente do labirinto, não mais cercado por corredores ou becos sem saída, mas em um espaço amplo e florido. Como em um conto de fadas, Katy Perry se depara com um príncipe encantado montado em um unicórnio, provavelmente uma figura idealizada de seu imaginário. Ele fica de frente para ela, mas cruza os dedos em um gesto que sugere falsidade. Em resposta, Perry lhe dá um soco no rosto, rompendo com a ilusão e finalmente saindo do labirinto. Ela emerge em um cenário mais natural, com ruas pavimentadas e casas, simbolizando sua libertação e o retorno a uma realidade mais equilibrada e autêntica.

Fora do labirinto, Katy Perry abraça sua versão infantil, demonstrando conforto e aceitação. A criança lhe entrega um presente, simbolizando um recurso para momentos de dificuldade. Em seguida, a versão infantil de Katy corre até uma bicicleta com o nome "Katheryn" escrito atrás, reafirmando que ambas representam um único indivíduo. A criança se despede e Perry retorna ao seu plano real. De volta ao camarim, prestes a continuar sua rotina de trabalho, ela abre a mão e uma borboleta voa, revelando o presente recebido de sua versão infantil. Com isso, Katy Perry retoma sua rotina, preparando-se para cantar "Teenage Dream". O videoclipe se encerra com a artista seguindo sua vida normal, simbolizando um ciclo de autoconhecimento e aceitação.

A melodia de "Wide Awake" inicia-se com um ritmo que enfatiza a vogal "a" (foneticamente) no final de cada verso da primeira estrofe, com as palavras "dark", "hard" e "heart" sendo usadas consecutivamente. Na segunda estrofe, a melodia harmoniza com a vogal "i" (foneticamente), utilizando as palavras "me", "see" e "seems" no final de cada verso. A terceira estrofe continua com a vogal "i" (foneticamente) para manter a rima, com "it hurts", "sweet" e "concrete" fechando os versos. No refrão, a combinação sonora muda para o ditongo "ai" (foneticamente), com os versos terminando em "nine", "high", "tonight" e "nine". Esta estrutura de rimas e sons revela uma composição sonora bem elaborada e harmônica, que complementa a narrativa e a profundidade emocional da canção.

Uma tradução adequada para "Wide Awake" seria "totalmente acordada". Na canção, a

cantora reflete sobre as consequências de sua falta de conhecimento e discernimento. Ela afirma que, se tivesse alcançado esse estado de "totalmente acordada" anteriormente, teria agido de maneira diferente e mais sábia. No refrão, repetido várias vezes, Perry canta sobre uma queda de uma alta nuvem, resultando em seu despedaçamento no chão. Esta queda é descrita como um erro ou falha, possivelmente sugerindo uma traição cometida por ela. No entanto, a queda também é vista como um ponto de partida para sua reintegração pessoal e reestabelecimento, utilizando o fracasso como um veículo para crescimento e renovação, conforme expresso nas letras da música.

A análise do videoclipe e da letra de "Wide Awake" de Katy Perry revela uma rica tapeçaria de simbolismo e introspecção, que se alinha estreitamente com os conceitos discutidos por Luca Argel em "Nem Poesia, Nem Música". Argel sugere que a poesia não está confinada à forma escrita, mas pode ser manifestada através da música e da performance. No caso de "Wide Awake", a jornada visual e emocional de Perry através de um labirinto metafórico, repleto de simbolismo e transformação pessoal, exemplifica essa ideia. As imagens e a narrativa no videoclipe complementam a letra da música, que já carrega uma profundidade poética em suas rimas e estrutura melódica.

A obra de Luca Argel destaca que a poesia, desde seus primórdios, esteve ligada à oralidade e à performance, e que figuras como Vinícius de Moraes conseguiram mesclar música e poesia de maneira fluida. Katy Perry, em "Wide Awake", segue essa tradição ao utilizar elementos visuais e auditivos para transmitir uma narrativa poética. A transformação pessoal da artista, simbolizada pela jornada no labirinto e o encontro com sua versão infantil, ilustra uma forma moderna de poesia que vai além das palavras, incorporando elementos teatrais e cinematográficos. Assim, a canção não apenas se apresenta como uma forma de entretenimento, mas também como uma expressão poética profunda que ressoa com o conceito de poesia performática defendido por Argel.

Concluindo, a análise de "Wide Awake" através da lente de Luca Argel nos permite reconhecer a canção de Katy Perry como uma verdadeira forma de poesia contemporânea. A integração de elementos visuais, a complexidade melódica e a profundidade lírica demonstram como a música pode transcender suas limitações convencionais para se tornar uma expressão poética completa. Assim como Vinícius de Moraes desafiou as fronteiras entre

música e poesia, Perry, com "Wide Awake", exemplifica a continuidade e a evolução dessa tradição, reforçando que a poesia pode, e deve, ser vista como uma arte multifacetada e expansiva.

## **BIBLIOGRAFIAS**

PERRY, Katy. "**Wide Awake**". 18 de junho de 2012. Disponível em:  
<https://youtu.be/k0BWlvnBmIE?si=CYYaXhm8A6lOj77g>>. Acesso em: [12/07/24].

ARGEL, Luca. "**Nem poesia, nem música**". In: \_\_\_\_\_. **Ofício múltiplo - poetas em outras artes**. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e Edições Afrontamento, dezembro de 2017.

ARISTÓTELES (2003), Poética, trad. Eudoro de Sousa, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

BALDRY, H. C. (1951), Greek Literature for the modern reader, Cambridge University Press.

PLATÃO. Simpósio ou do Amor. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

**Trabalho entregue ao Professor Filipe Manzoni;  
Poesia, vídeo, fala, performance; Código: LEL607**



**Rio de Janeiro, 1º Semestre, 2024-1/PRESENCIAL**